

Transformações nas dinâmicas de abastecimento durante epidemia: o impacto nas feiras e outras iniciativas de comercialização direta

A necessidade de afastamento social vivida em todo o país como forma de prevenção a Covid-19, tem afetado profundamente a dinâmica de abastecimento da população. Em algumas cidades, medidas governamentais orientam novas normas para funcionamento dos supermercados e mercados de bairro, sendo a criação de horários diferenciados para público vulnerável e reforço das práticas de higienização as diretrizes mais comuns. No entanto, no que diz respeito ao funcionamento das feiras, segundo lugar na predileção dos brasileiros para comprar alimentos, a criação de diretrizes padronizadas se tornam mais complexas e difíceis de serem generalizadas pela própria dinâmica de funcionamento destes canais de comercialização. Os desafios que a epidemia traz vão desde a assepsia das estruturas de exposição, higienização constante por parte dos comerciantes e consumidores, distanciamento entre bancas, formas de pagamento, sistemas de acondicionamento dos produtos, até a própria viabilidade de manutenção das feiras frente a necessidade de resguardo das interações sociais.

Muitas feiras são realizadas em espaços abertos, freqüentemente públicos, como parques e praças em que uma estrutura de bancas e tendas é montada em um determinado dia/horário da semana. Assim, diferente dos espaços de comercialização fixos em que prateleiras, piso, caixas, equipamentos, precisam ser higienizados, nas feiras a montagem do espaço temporário já pode incluir uma limpeza das estruturas de exposição. No entanto, as condições de estrutura auxiliar do local que podem ser cruciais, como a água corrente, é um recurso normalmente inexistente em muitos casos. Em São Paulo (capital) o problema tem sido remediado com a instalação de pias móveis, fornecimento de álcool gel e papel toalha em cada banca. Ainda que nem todas as feiras da cidade tenham sido contempladas, a iniciativa conseguiu manter feiras ativas em quase todos os dias da semana nos bairros: Liberdade, Lapa, Vila Prudente, Santa Ifigênia, Vila Andrade, Brooklin, República, Campo Belo e Bela Vista.

Outra capital que está tendo uma atuação da Prefeitura é Porto Alegre, onde um grupo formado por representantes do Conselho de Feiras Ecológicas de Porto Alegre, Associação Agroecológica, RAMA, Coceargs e Aconfers, realizaram uma série de encontros para elaborar um Plano de Contingenciamento de Danos para as nove unidades de Feiras Ecológicas que atuam em colaboração com o governo Municipal. Entre os cuidados a serem tomados está o distanciamento de no mínimo de 2m entre as bancas, criando uma área de circulação mais ampla para a clientela. Para cumprir com essa medida, a Fae - Feira dos Agricultores Ecologistas atuante desde 1989 no Bairro Bom Fim em Porto Alegre, teve que ir além da calçada e "invadir" a rua José Bonifácio. As feiras ecológicas da capital gaúcha também afrouxaram as diretrizes de evitar o uso de sacolas plásticas durante a feira para facilitar o acondicionamento. O tradicional manuseio dos produtos para verificar a condição dos alimentos, teve que ser substituída por uma análise visual. Considerando que a maioria das feiras funciona apenas com dinheiro vivo, o uso de luvas pelos feirantes tem sido uma alternativa bastante utilizada para resguardar as contaminações.

Em Sergipe, além dos cuidados já mencionados, algumas prefeitura também resolveram restringir o tipo de alimento comercializado, limitando a itens *in natura* e considerados de primeira necessidade. Na cidade do Rio de Janeiro, as medidas propostas pela prefeitura sugerem a realização intercalada das feiras, funcionando uma semana sim e outra não conforme o bairro. Uma medida que só será eficaz se for associada às outras precauções já descritas anteriormente.

No entanto, em muitos casos, feiras que são realizadas sem o apoio direto das prefeituras, possuem estruturas mais informais ou acontecem em espaços como shoppings, escolas e Universidades, suspender das atividades tem sido inevitável. Nesses casos, uma estratégia interessante que está sendo mobilizada em diferentes partes do país é a realização de um sistema de encomendas e entregas, sejam estas em pontos de retirada ou direto na casa dos consumidores, assemelhando-se às estratégias de comercialização utilizados pelos Grupos de Consumo Organizado e Cestas domiciliares.

Essas formas de comercialização têm tido um crescimento exponencial nos anos recentes e buscam, de maneira geral, gerar uma maior renda aos agricultores aliada a praticidade para os consumidores. Pesquisas na área (PREISS, 2017; KAIRÓS, 2016; ARAÚJO; ALVES DE LIMA; MACAMBIRA, 2015) demonstram que essas iniciativas funcionam majoritariamente com agricultores familiares que produzem alimentos agroecológicos ou pelos menos, sem o uso de agroquímicos, e de procedência local. Ou seja, tem uma pegada ecológica menor e contribuem diretamente para a economia da região. A inexistência de intermediários permite que o recurso pago vá em sua totalidade para os agricultores, algo extremamente relevante se considerarmos que boa parte destes pertencem ao grupo de risco do *Covid-19* e normalmente se encontram em condição de maior marginalização frente às políticas públicas. A dinâmica de compra direta também permite que os consumidores paguem preços mais econômicos em relação aos supermercados, contribuindo para a acessibilidade de produtos de qualidade e rompendo com o mito de que alimentos limpos são sempre mais caros.

Com a disseminação do vírus Corona no país, muitas dessas iniciativas têm tido uma sobrecarga em seus pedidos, o que traz o potencial de aumento do público consumidor mesmo após o período de quarentena. Segundo informações da Urgency - Rede Internacional articula grupos de consumo organizado, esse fenômeno também aconteceu na China, país epicentro da epidemia. O uso dessas estratégias por agricultores que normalmente comercializam sua produção apenas nas feiras traz, por um lado, desafios de adaptação rápida a nova dinâmica: criar sistemas de encomendas com o uso das tecnologias da comunicação (redes sociais e whatsapp) pensar o acondicionamento dos produtos e viabilizar transporte das entregas. Por outro lado, pode ser o experimento de uma nova forma de comercialização e criação de parcerias inusitadas. Um exemplo, são agricultores da região metropolitana de Porto Alegre que estão articulando a entrega das encomendas via motoristas de aplicativo.

Vai demorar algum tempo para podermos trazer análises mais conclusivas do impacto da epidemia no sistema de abastecimento e como isso pode afetar (positiva e negativamente) agricultores familiares e consumidores. No entanto, é válido considerar que a crise, a despeito de todo o sofrimento que pode trazer, também carrega um potencial de nos auxiliar a refletir sobre o sistema alimentar e nossas escolhas, abrindo espaço para soluções mais inteligentes, inclusivas e saudáveis.

Potira V. Preiss (potira@unisc.br)

Pesquisadora Pós- Doc no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional - PPGDR/UNISC e integrante do Grupo de Estudos em Agricultura, Alimentação e Desenvolvimento - GEPAD/UFRGS